

*Gripe espanhola no Espírito Santo (1918-1919): alguns apontamentos**

SEBASTIÃO PIMENTEL FRANCO*¹

Universidade Federal do Espírito Santo

ANDRÉ FRAGA LOPES*²

Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Vitória/ES

LUIZ FELIPE SIAS FRANCO*³

Hospital Estadual de Heliópolis/SP

Resumo: Este artigo tem por objetivo investigar a passagem a epidemia de gripe espanhola no Espírito Santo. Utilizo como fonte os periódicos *Correio da Manhã*, *Espírito Santo* e *O Cachoeirano*, além de mensagens do presidente do Estado, Bernardino de Souza Monteiro, apresentadas à Assembleia Legislativa. Discute como médicos, autoridades e pessoas comuns explicavam a doença, assim como evidência de que forma a população reagiu e quais os impactos que a epidemia produziu na sociedade local.

Palavras-chave: Gripe espanhola; Epidemia; Espírito Santo.

Abstract: The present article aims at investigating the outbreak of the Spanish flu epidemic in the state of Espírito Santo. The newspapers *Correio da Manhã*, *Espírito Santo* and *O Cachoeirano* were used as sources, along with the messages by the president of the state, Bernardino de Souza Monteiro, sent to the Legislative Council. The present work discusses how doctors, authorities and ordinary people explained the disease, besides highlighting the manners in which the population reacted and the impacts that the epidemic provoked in the local society.

Keywords: Spanish flu; Epidemic; Espírito Santo.

* Recebido em 22 de maio de 2016 e aprovado para publicação em 11 de junho de 2016.

¹ Professor Titular e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: sp.franco@uol.com.br.

² Médico Especialista em cirurgia Geral pelo Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Vitória/ES e residente em cirurgia plástica pelo Serviço de Cirurgia Plástica Dr. Ewaldo Bolívar de Souza Pinto, Santos/SP. E-mail: andrechlopes@hotmail.com.

³ Médico Especialista em Radiologia pelo Hospital Estadual de Heliópolis/SP e Residente em Neurorradiologia pelo HCor/SP. E-mail: lfelipesfranco@gmail.com.

Introdução

Assim como tinha ocorrido no decorrer do século XIX, quando o pânico e o terror, a partir do grande número casos de óbitos, em razão do surto epidêmico de cólera, em 1918, uma nova epidemia volta a assustar o mundo, a gripe espanhola.¹ A velocidade do contágio dessa enfermidade, uma vez que o período de incubação era curto; a forma como essa doença se espalhou e acometeu um elevadíssimo número de pessoas; assim como o alto grau de letalidade, resultando num assustador número entre 50 e 100 milhões de mortos, considerando todas as regiões alcançadas por essa doença leva-nos a dizer que, mais do que uma epidemia, a gripe espanhola, transformou-se numa pandemia.²

Segundo Bertolli Filho (1986), a gripe, diferentemente de certas moléstias que assolaram o Brasil, incidiu sobre todos os grupos sociais, o que de certa forma criava uma “ilusão democrática” da doença. Não obstante, o próprio autor esclarece que essa enfermidade se desenvolveu de acordo com o padrão de mortalidade de cada grupo social. Assim como ocorreu com outros surtos epidêmicos, foi nos estratos sociais que apresentavam deficiente estrutura sanitária e sobre indivíduos com deficiências nutricionais e de saúde que essa doença se fez mais presente.

Este artigo objetiva evidenciar como a gripe espanhola chegou ao Espírito Santo, como médicos, autoridades e pessoas comuns explicavam a doença, quais as medidas sanitárias adotadas pelo Governo do Estado para conter a epidemia, assim como mostrar como a sociedade local reagiu à doença e a seus impactos, uma vez que, diferentemente do que era usual, a gripe espanhola não se apresentou de modo benigno e sazonal, mas sim irrompendo de forma virulenta e letal. Outros temas relacionados

¹ Segundo Phillips e Killingray (2003), essa enfermidade surgiu inicialmente na primavera de 1918, no Hemisfério Norte, onde inicialmente se pensava que era uma gripe benigna. No mês de agosto do mesmo ano, a doença ressurgiu de forma virulenta e letal e espalhou-se por todos os continentes. Em janeiro do ano seguinte, ela retorna apresenta-se de forma mais branda.

² Epidemia: doença, que numa localidade ou região, ataca simultaneamente muitas pessoas. Pandemia: surto de uma doença com distribuição geográfica muito alargada.

ainda com a doença aparecem na documentação: as causas, como se prevenir da doença, quais as localidades atingidas, quando adoecerem, quantos morreram, que estratos sociais foram mais atingidos, os gastos efetuados no socorro à população, a solidariedade em frente à epidemia, a medicação indicada.

Para tanto, utilizamos como fonte privilegiada os periódicos em circulação em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo,³ o da cidade de Cachoeiro de Itapemirim⁴ e ainda o jornal da cidade de Moniz Freire,⁵ no período da erupção da doença. Utilizamos também os relatórios do presidente de Estado à época, Bernardino de Souza Monteiro.

Este estudo seguiu o modelo analítico proposto por Rosemberg (1992), para explicar as crises epidêmicas. Para ele, os eventos de uma epidemia assemelham-se ao de uma peça teatral, desenrolando-se em atos, aqui, no caso, quatro atos: 1º) a epidemia surge mas só é admitida pelas autoridades governamentais, quando o número de enfermos e mortos é muito grande e não mais é possível ocultar o fato; 2º) ao se reconhecer a epidemia, faz-se necessário construir uma base explicativa para lidar com ela; 3º) medidas de saúde pública passam a ser adotadas pela administração; 4º) a doença se abrande e, quando isso ocorre, pode-se fazer uma avaliação do evento e tomam-se medidas preventivas para evitar futuramente novos surtos.

A origem da doença

Conforme Anny Jacqueline Torres Silveira, tão logo a doença se manifesta na Europa em 1918, já começam a ser a aparecer na imprensa brasileira notícias sobre a gripe espanhola, sobretudo após

A esquadra médica enviada pelo governo brasileiro em apoio aos aliados, então estacionada no porto de Dacar, ter sido vítima daquela moléstia fulminante.

³ *Diário da Manhã*, jornal de amplo apoio ao governo.

⁴ *Cachoeirano*, jornal que circulava na principal cidade do sul do Estado.

⁵ *Espírito Santo*, jornal de uma pequena cidade do interior, denominada Moniz Freire.

Desse momento em diante, as autoridades sanitárias começaram a se mobilizar em busca de maiores informações sobre o mal, a fim de melhor se posicionarem sobre as medidas mais adequadas para evitar que a doença chegasse e se disseminasse pelo país (SILVEIRA, 2015, p. 53).

Essa doença recebeu o nome de gripe espanhola, segundo Souza (2009), devido ao fato de as autoridades espanholas terem admitido a sua existência e a terem noticiado pela imprensa local e mundial, enquanto outros países que participavam da Primeira Guerra Mundial censuravam notícias da doença, uma vez que o noticiário se voltava para assuntos ligados à guerra.

Segundo Jeffery K. Tautenberger e David M. Morens (2001), não se sabe a origem dessa enfermidade. Para esses autores, as epidemias de gripe se desenvolveram na Ásia e a partir daí se espalharam pelo mundo. Em 1918, apareceram simultaneamente em diversas localidades na Europa, Ásia e América do Norte.

Mais uma vez recorremos a Souza (2014, p. 220) que afirma que a origem da gripe espanhola é desconhecida, embora

[...] a primeira onda da pandemia, ocorrida em março de [1918] tenha sido melhor descrita nos Estados Unidos. Nesse período, operários da *Ford Motor Company*, em Detroit, e soldados da base militar *Camp Funston/ Fort Riley*, no Kansas, foram hospitalizados após apresentarem sintomas semelhantes aos de uma gripe comum de caráter benigno. Após três ou quatro dias de manifestação dos primeiros sinais, foram considerados curados. Os combatentes americanos embarcaram para a Europa, para participar da I Guerra Mundial, sem saber que levavam consigo o vírus da doença.

No Brasil, a epidemia teria chegado por volta do mês de setembro de 1918, trazida por tripulantes do navio inglês *Demerara*, vindo de Lisboa. Em Recife, Salvador e no Rio de Janeiro, tripulantes doentes desembarcam, espalhando o vírus nessas cidades. Nesse mesmo mês, soldados brasileiros

doentes vindos de Dacar chegaram ao porto de Recife. Rapidamente a doença se espalha pelo Brasil atingindo todas as regiões, de norte a sul do país. Se, inicialmente, a doença se concentrou em regiões litorâneas, logo ela se espalhou de forma indiscriminada, chegando até os rincões mais longínquos (GOULART, 2005).

Em sua pesquisa sobre a gripe espanhola na Bahia, Christiane Maria Cruz de Souza encontrou nos periódicos daquele estado as seguintes referências quanto aos sintomas dessa doença: “[...] calafrios e febre alta (mais de 39°); prostração, cefalalgia; catarro nas vias aéreas superiores; intolerância à luz; dores pelo corpo; olhos injetados; conjuntivas tumefactas; e, por vezes, perturbações digestivas” (2009, p. 132). Em geral esses sintomas duravam três dias, podendo estender-se até uma semana.

Embora não tão numeroso, existem alguns trabalhos de historiadores voltados para a temática gripe espanhola no Brasil.⁶ Estes estudos assim como recomenda Charles Rosenberg (1992), foram realizados numa perspectiva de se melhor compreender a doença enquanto um fenômeno social, possibilitando uma melhor compreensão da configuração particular dos valores dos grupos sociais, suas concepções culturais e práticas institucionais.

Apesar de que a epidemia fosse uma realidade, as autoridades governamentais, assim como aponta Rosenberg (1992), a reconheciam quando não era mais possível esconder o fenômeno, uma vez que o número de enfermos e mortos estava tomando proporções alarmantes. Assim foi como ocorreu no Espírito Santo.

A epidemia chega ao Espírito Santo

Apesar de a epidemia de gripe espanhola ter ocorrido de norte a sul do Espírito Santo, só encontramos referência nos jornais pesquisados à ocorrência dessa enfermidade na Capital, a cidade de Vitória, nos municípios de Serra, Cachoeiro de Itapemirim, Castelo e Moniz Freire.

⁶ Cf.: Souza (2009); Silveira (2008); Bertucci (2004); Bertolli Filho (2003); Abrão (1995); e Goulart (2003).

Vitória, centro administrativo e econômico do Estado do Espírito Santo, era, à época da ocorrência da epidemia de gripe espanhola, a cidade mais importante e populosa do Estado. Nela estava localizado o maior porto, responsável pela exportação do principal produto da economia, que era o café. Além do café, outros produtos eram exportados, como madeira, feijão, milho, farinha, tecidos, areias monazíticas, açúcar, couro e arroz. Para que possamos compreender a importância da exportação de café para a economia do Estado, é preciso lembrar que esta era responsável pela arrecadação de 24.765:971\$000, enquanto o segundo produto de exportação, a madeira, recolheu 1.940:799\$000.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1920, logo após a passagem da gripe espanhola, o Espírito Santo tinha uma população de 457.328 habitantes. A maioria vivia pobremente de suas lavouras e dedicava-se à agricultura de subsistência em seus pequenos lotes de terra.⁷ Predominava a população rural, embora já estivesse se iniciando um processo de urbanização e êxodo rural, como bem nos apontou o presidente do Estado, Bernardino de Souza Monteiro:

Convencido dos malefícios da convergência da população para os centros urbanos estimulado no injusto pavor da vida dos campos, volvi minha atenção para o interior do Estado, que deixo laborado por uma acção fecunda, a cujo influxo, espero, acudirão novas energias productoras (*Espírito Santo*, 1919, p. 4).

As informações preliminares sobre a presença da gripe espanhola no Espírito Santo, levantadas em periódicos locais e nas mensagens de governo do presidente em exercício do cargo em 1918 e 1919 são econômicas e muitas vezes contraditórias. Inicialmente, queria se mostrar que a doença não era uma calamidade, associando-a a uma gripe comum. Havia preocupação em narrar que os casos que apareciam eram de caráter benigno. No entanto, ao tomar maior vulto, as informações noticiadas

⁷ Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00>>. Acesso em 14 abr. 2016.

na imprensa revelam que a passagem da epidemia logo provocou pânico e medo, deixando médicos, autoridades governamentais e população atônitos. O desconhecimento sobre as causas da doença ou como impedir sua propagação, a dificuldade em socorrer tantos enfermos, o número de mortes que a epidemia provocava eram problemas graves que teriam que ser solucionados. A realidade da doença resultou em que ela se tornasse uma preocupação dos governantes, em nível federal, estadual e municipal.

O conhecimento sobre a epidemia

Conforme já mencionamos, a existência da epidemia de gripe espanhola já era conhecida da população capixaba anteriormente a essa enfermidade ter se manifestado no Espírito Santo, uma vez que os jornais locais noticiavam a passagem dessa doença por outros locais do mundo e do Brasil. O jornal *Espírito Santo*, que circulava numa cidade interiorana do Estado, chamada Moniz Freire, assim noticiou sobre a gripe espanhola:

Quando irrompeu na Capital da República a terrível gripe que na Europa ceifara vida inúmeras, os primeiros momentos foram os mais indescritíveis dos pánicos.

As nossas imaginações estavam ainda sobre forte impressão que nos deixou a leitura dos telegrammas que o Velho Mundo nos mandava relatando os seus soffrimentos. E suppondo que íamos defrontar com a mesma violenta enfermidade, celere em sua marcha fatal, opulenta em seu cortejo de penases atorses, recompunhamos o quadro em que a velha Europa se consumia vergada ao peso de sua immensa desgraça— ao ultimo dos flagellos da guerra, sobreposto o grande horror da peste! (2 de fevereiro de 1919, f. 2).

Conforme apontam Souza (2009), Bertucci (2004), Abrão (1995), Bertolli Filho (2003) e Silveira (2007), como a Medicina estava acostumada

aos sintomas da gripe e, portanto, com longa experiência em clinicar esse tipo de doença, tão logo surgiram os primeiros casos da gripe espanhola, os médicos buscaram associar essa nova enfermidade às formas clássicas da doença gripe.

A gripe clássica, no entanto, era superada num prazo de três dias, quando aqueles que a contraíam se restabeleciam. No caso da gripe espanhola, não era o que estava acontecendo. A tendência foi ela se espalhar de forma rápida, atingindo um grande número de pessoas e o mais grave, com um altíssimo grau de letalidade, levando ao óbito um expressivo número de enfermos. Essas novidades da nova enfermidade começaram a assustar as autoridades governamentais, médicos e população que, atônitos, queriam saber afinal que doença era aquela.

Conforme mencionamos, no caso do Brasil, as primeiras notícias sobre a nova enfermidade surgiram após uma parte das tropas brasileiras que estavam lutando na Primeira Guerra Mundial, estacionada em Dakar, na África, apresentar sintomas da doença. Sobre essa moléstia, assim se referiu um jornal do Estado do Espírito Santo:

Em torno da ethiomathogaina da moléstia de character epidemico reinante em Dakar e que a bordo de uma de nossas unidades de guerra, vitimou naquele porto, penosas vidas de compatriotas nossos, surgem diversas e desencontradas opiniões.

Uns pensam que se trata de febre pptassio, outros da grippe, sob sua forma mais grave, attingindo o microbio de virulência tal, capaz de matar o doente em menos de uma semana, tomando então nesse caso, a denominação de febre de trez dias. Há ainda scientistas que pensam que se está em fase de uma forma surpreendente de 'cholera morbus'.

Na hora actual dos nossos conhecimentos em face da febre do Senegal, o que sabemos afirmar é que nem é uma atividade nosographica conhecida, nem a molestia de Dakar, é a influenza hespanhola.

De character essencialmente gripal sordindo, se manifesta com uma symptomatologia simulando a grippe ou influenza, dessa difere todavia sob seu ponto de vista etiologico. Não somente ainda se desconhece,

o início que lhe dá origem, como também nos casos observados, não se registrou a presença do duplo bacillo de Pfeiffer, micróbio responsável pela influenza (*Espírito Santo*, 6 de outubro de 1918, f. 1).⁸

Como se percebe, havia um desacordo dos profissionais médicos em determinar a origem da doença, confundindo-a com outra enfermidade, acreditando que poderia ser a tradicional e velha conhecida gripe ou até mesmo cólera, em razão de que alguns enfermos apresentavam quadro de disenteria.

Ainda relatando sobre a confusão que a doença causava nos médicos para que estes pudessem fazer um diagnóstico acertado da doença, o mesmo jornal noticia:

A invasão subita da molestia com febre alta, catharro das vias aéreas, dores lombares, cephalgia interna e outros phenomenos semelhante, a grippe de forma thoraxica ou ainda a grippe intestinal quando os phenomenos se accentuam para o lado do intestino, havendo então estado congestivo desse orgam e perturbações entericas choleriformes, são elementos de diagnostico clinico para se denominar grippe ou influenza a moléstia de Dakar, mas a ausência do bacio de Pfiffer é a negação mathematica dessa diagnose (*Espírito Santo*, 6 de outubro de 1918, f. 1).

Não se sabia ao certo o que era essa doença. A única certeza que tinham era quanto à sua letalidade:

Seja como for, tenha ou não tenha denominação, a peste de Dakar é uma moléstia grave, capaz de matar me trez dias de convalescença longa; perfeitamente adaptável ao nosso clima, principalmente do Nordeste do paiz, pela natureza recebida de suas latitudes (*Espírito Santo*, 6 de outubro de 1918, f. 1).

⁸ Segundo Anny Jackline Torres Silveira (2015, p. 51), desde as “[...] décadas de 1900-1910 vários pesquisadores se dedicavam a confirmar a preposição, feita poucos anos antes pelo reconhecido bacteriologista alemão Friederich Pfeiffer, de que doença era causada por bacilos que levavam seu nome [...]”.

A incerteza sobre a doença não impediu que os médicos pudessem caracterizar a epidemia. Segundo o jornal *Cachoeirano*, eram as seguintes as características da doença: “[...] invasão brusca com catarro, das vias aéreas superiores, temperatura em regra muito alta, prostração, e por vez, perturbações digestivas” (28 de novembro de 1918, f. 2).

Conforme noticiou ainda o mesmo jornal, a gripe espanhola se propagava especialmente por razões meteorológicas especiais. A sua transmissão dar-se-ia pelo ar, daí se dizer que a única medida profilática eficaz seria evitar a permanência em lugares fechados, onde houvesse aglomeração de pessoas (28 de novembro, f. 2).

O fato de não se saber ao certo o que seria, então, essa epidemia não impedia obviamente que tratamentos fossem indicados. Como os sintomas da doença se assemelhavam ao da gripe clássica, as indicações terapêuticas eram as mesmas da gripe comum. A confusão quanto ao não se saber ao certo o que indicar nesse caso levou a que fossem, inclusive, indicados tratamentos, como a vacinação *jenneriana*, que era eficaz no combate à varíola.⁹ Vejamos o que diz um periódico sobre as terapêuticas indicadas: “Quanto ao tractamento, nenhum remedio especifico se descobriu capaz de curar o mal. Como medida prophylatica aconselha a Directoria Geral de Saúde Pública o emprego da vacina jenneriana” (*Espírito Santo*, 6 de outubro de 1918, f. 1).

O mesmo jornal apontava outras indicações como forma de se tentar evitar a propagação da doença. A principal delas era evitar contato com outras pessoas e locais onde o aglomerado fosse uma realidade. Nesse sentido, dizia:

O isolamento do doente é a condição primacial para se evitar que se propague (gripe espanhola), entre os sãos a peste de Dakar; e foi graças a essa medida tomada pelas autoridades sanitárias navaes, a bordo das unidades da divisão Frontin, que a terrível epidemia foi felismente debellada (*Espírito Santo*, 6 de outubro de 1918, f. 1).

⁹ Encontramos referência à larga utilização da vacina contra a varíola como indicação para prevenir-se do contágio contra a gripe espanhola.

A indicação do médico Eurico Aguiar, que atuou no Espírito Santo, durante a passagem da gripe espanhola, comprova-nos que isolar o doente do contato com outras pessoas seria a forma adequada de evitar que ele piorasse o seu quadro ou, ainda, que ele acabasse contaminando as pessoas sãs. Noticiando a enfermidade do coronel Antonio Madruga, o jornal *Correio da Manhã* informava que o médico havia impedido a visita ao quarto do doente (4 de fevereiro de 1919, p. 2).

O medo da doença, do seu contágio e da morte certamente provocou desestruturação de costumes cotidianos no seio da população. O medo do contágio dos sãos com os enfermos, aliás, foi sempre uma preocupação em tempos de epidemia, o que resultava quase sempre numa repulsa daqueles que não haviam contraído a doença. Essa situação se reproduzia também em relação aos falecidos por mal epidêmico, como nos aponta Delumeau (2009), referindo-se aos tempos da peste negra, e Franco (2015), quando da passagem do cólera na Província do Espírito Santo em 1855 e 1856. Segundo os mesmos autores, o medo era tanto, que muitas vezes rituais funerários eram negligenciados, temendo-se que o morto pudesse contagiar os sãos. Não participar de reuniões públicas e evitar contatos em aglomerações foram preceituados como antídoto contra a gripe espanhola. Assim, o isolamento passou a ser uma prática cotidiana daqueles que se sentiam ameaçados, o que certamente levava ao sentimento de “[...] tristeza, abatimento, a apreensão e a incerteza” tal como Souza (2009, p. 170) percebeu em relação à gripe espanhola na Bahia.

O fato de não se saber ao certo que medicamentos seriam mais eficazes no combate à doença não significa que indicações não fossem recomendadas pelos médicos. Segundo o jornal o *Espírito Santo*:

Para combater a influenza que esta grassando no Rio e em outros pontos do paiz, com caracter epidemico violento, os medicos teem aconselhado as seguintes prescrições: N° 1 Uso interno Agua destilada 120,0; Sulfato de sódio 30,0. Assucar q. s para adoçar, (ou outro qualquer purgante sahno). Fazer uso em seguida, da seguinte formula: n° 2 Uso interno. Agua destilada 150,0; Salicilato de sodio 4,0, Bicarbonato de sódio 2,0. Tomar 1 colher de sopa, de 2 em 2 horas. (Ou então,

capsulas de quinino, aspirina ou salicilato de sódio.

Para combater a tosse: Uso interno: Agua destilada 150,0; Acetato de ammonia 6,0; Benzoato de sodio 4,0 (8 de dezembro de 1918, f. 2).

Indicavam ainda dieta, que consistia em repouso por oito dias após terminada a moléstia. A alimentação deveria ser: caldo de carne, frango, cereais, legumes, mingaus, café, leite, chá, pão torrado, bolachas. Indicava-se ainda que os convalescentes dormissem regularmente e evitassem resfriamentos (*Espírito Santo*, 8 de dezembro de 1918, f. 2).

O jornal *Cachoeirano* noticiou também informações aconselhando seus leitores para preveni-los da gripe espanhola. Foram estes os conselhos: a) vacinar-se ou revacinar-se contra a varíola; b) fazer a assepsia da boca, da garganta e das narinas com água fria ou morna; c) usar infectantes, como água oxigenada, líquido de Dakin ou listerina, que serviriam para a desinfecção e limpeza da garganta; d) para as narinas, o mais aconselhado era a lavagem frequente com pano ou lenço embebido com solução boricada alcoolizada; e) fazer uso diário de sal de quinino na dose de 25 centigramas; f) seguindo conselhos de médicos suíços, eram indicados gargarejos com água salgada, na proporção de 10 gramas de cloreto de sódio para um litro de água; g) evitar fadigas; h) evitar lugares onde houvesse aglomeração de pessoas (10 de dezembro de 1918, f. 2).

As ações do Estado no socorro à epidemia de gripe espanhola

Tão logo a doença começasse a fugir do controle das autoridades governamentais, necessário se fazia assumir a existência do surto epidêmico e providências eram tomadas. Não foi diferente tal atitude do governo em relação à gripe espanhola.

Ao relatar a passagem da epidemia de gripe espanhola na Serra, o jornal (*Diário da Manhã*, 17 de janeiro de 1919, f. 1) nos dá importante pista sobre as ações que os governos estadual e municipal tomaram para socorrer a população enferma: “Sobremodo concorreu para tal melhora o prompto auxilio para este município prestou o benemérito gestor do Estado, dr.

Bernardino de Souza Monteiro” (*Diário da Manhã*, 30 de janeiro de 1919, f. 1). Além de ressaltar a ação efetiva do governo do Estado, o jornal faz questão ainda de lembrar as providências tomadas pelo prefeito ao dizer:

Se na fôra s. exa., tão humanitaria e altruisticamente attender à solicitação official do nosso prefeito pharmaceutico Adolfo Fraga, certo não só inda estariamos a braços com a horrível epidemia, como extraordinário estaria ainda sendo numero de victimas (30 de janeiro de 1919, f. 1).

No mesmo jornal aparecem informações quanto aos socorros prestados pela Prefeitura Municipal de Serra, como o envio de ambulâncias e remédios que foram encaminhados a localidades desse município, como Jacaraípe, Muribeca, Pitanga e Putiri. Esses relatos precisavam o número de fórmulas distribuídas e o número de auxílios efetuados:

No dia 5 foram avaliadas 64 formulas e dados 19 auxilios; no dia 6, formulas 31, auxílios 8; dia 7, formulas 47, auxílios 2; dia 8 formulas 16; dia 9, formulas 9, auxílios 2; dia 10, formulas 8, auxilio 1; dia 11, formulas 18, auxílios 3; dia 12, formulas 48 (*Diário da Manhã*, 30 de janeiro de 1919, f. 2).

Em outra publicação, aparecem mais dados referentes à ação de socorro à população: “No dia 18 foram e despachados 32 formulas e prestados 8 auxilios; no dia 14, formulas 12, no dia 15, formulas 16, auxilios 4; dia 19, formulas 2, auxílios 4, dia 20, formula 5” (*Diário da Manhã*, 30 de janeiro de 1919, f. 2).

Embora os periódicos locais fizessem campanhas em defesa de ações do Estado, noticiando a presteza em socorrer as vítimas da doença, críticas foram feitas em relação a essa ação. A própria imprensa, ao veicular elogio à pronta ação do Estado, deixa entrever que havia posições contrárias a essa efetividade. Relatando a ação de Presciliano Biluía e do prefeito municipal da Serra em socorro às vítimas da epidemia de gripe espanhola, o jornal *Espírito Santo*, diz:

O echo lugubre, qual murmúrio, ao longe de matilha raivosa perder-se-á de encontro à muralha inexpugnável dos corações bem formados dos homens dignos.

Apenas, com o pio agourento, terá leve repercussão naquelles que so maior grita não chegam a impressionar os ouvidos do critério dos bons, por de muito baixo partir.

Enfim teremos que, enquanto grassarem os corvos maldizentes, as consciências dos abnegados, que não pouparam esforços para sanear um município de um flagello que poderia ter assolado parte da população, se deleitarão com o resultado de tanta solicitude, expresso no numero de vidas arrancadas da morte (2 de fevereiro de 1919, f. 1).

A própria atuação do Governo Central recebeu forte crítica no que se refere ao combate à gripe espanhola. A indicação e a atuação do diretor de Saúde Pública, Carlos Seidl, foram duramente criticadas, chegando a classificá-lo como “cretino, relapso e sedicioso”, cuja atuação, segundo se dizia à época, era passiva e inerte. Tal atuação incompetente, de acordo com essa visão, resultava em que a população fosse desassistida, entregue à própria sorte (SOUZA, 2009; BERTOLLI FILHO, 2003; SILVEIRA, 2007).

Fazendo alusão a essa questão, assim se reportou o jornal *Esperito Santo*:

Para tranquilisar o governo, em sua natural inquietação ante o panico que já grassava muito mais violentamente do que a propria ‘Hespanhola’ o Director Geral da Saúde Publica declarava solenemente que se achava capaz de impedir a invasão de grande mal; E pobre director: foi a primeira victima da influenza!

Assolado pela gripe o paiz inteiro, das primeiras dores de cabeça do governo, nasceu o jeito energico do Sr. Wenceslau, jeito que não teve por certo precedentes na sua larga administração de contraposições: e o decreto de demissão do Sr. Director partiu sibilando como o assobio de uma vaia (2 de fevereiro de 1919, f. 1).

A epidemia se espalha por diferentes localidades

Qual teria sido o raio de ação da gripe espanhola no Espírito Santo? Na documentação coligida, encontramos informações da presença da epidemia em todas as localidades. Segundo o presidente do Estado do Espírito Santo, Bernardino de Souza Monteiro

A epidemia da gripe nos ultimos dias de setembro [1918] pouco depois de ter aparecido no Rio de Janeiro, começou a assolar esta Capital e todo o interior do Estado, obrigando-nos a grandes gastos no socorro da população do Estado, que foi atacada pelo mal na proporção de mais de 70% (*Espírito Santo*, 1919, p. 39).

Em mensagem enviada à Assembleia Legislativa, o presidente de Estado apresenta quadro com as despesas efetuadas com a epidemia de gripe espanhola, executadas a partir da Lei nº 1.159, de 23 de dezembro de 1918, que resultou num gasto de R\$ 90:000\$000 e mais R\$ 10:562\$740, autorizado pelo Decreto nº 3.655, de 24 de setembro de 1919. No quadro aparecem todas as localidades que receberam aporte do governo estadual, o que nos leva a crer que a enfermidade da gripe espanhola atingiu todas as localidades listadas: Colatina, Calçado, Vitória, Cachoeiro de Itapemirim, Itabapoana, Serra, Viana, Castelo, Timbuí, Alegre, Rio Pardo, Santa Isabel. Nos jornais encontramos referência da presença da doença em Vitória, Serra, Cachoeiro de Itapemirim, Castelo e Moniz Freire.

Referindo-se à presença da epidemia em Cachoeiro de Itapemirim, o jornal *Cachoeirano* diz:

Desde meados de Outubro p. passado que a epidemia conhecida por ‘influenza espanhola’ começou a grassar intensamente nesta cidade, felizmente em caracter benigno, não tendo havido caso algum fatal propriamente desta gripe, mas 23 obitos oriundos da actual pandemia complicada com outros estados morbidos (28 de novembro de 1918, f. 3).

Como se pode ver, a notícia é contraditória, ficando evidente que, embora os doentes tivessem ido a óbito por outras implicações, a causa inicial teria sido mesmo a gripe espanhola.¹⁰

Outro município onde a epidemia fez grandes estragos foi Serra. Nesse município, em diversas localidades, essa enfermidade teria se manifestado, como Jacaraípe, Muribeca, Putiri, Morro da Serra, Vímieiro, Vilante, Guaranhús. Em Jacaraípe, primeira localidade de Serra onde a doença se manifestou de forma assustadora, logo os enfermos se recuperaram. Putiri, no entanto, foi o local onde, segundo “[...] relatório do Sr. Bilúia, é que existem vários casos de alguma seriedade devido os casos atacados serem: uns de alta idade e outros, paludosos” (*Diário da Manhã*, 30 de janeiro de 1919, f. 2).

Ações do Estado

Estudiosos do tema epidemias (WITTER, 2007; BELTRÃO, 1999; FRANCO, 2015) vêm apontando que, a partir do século XIX, no Brasil, o Estado foi compelido a tomar para si a responsabilidade de responder às demandas da população no que concerne ao socorro aos enfermos de surtos epidêmicos. No caso da gripe espanhola, não foi diferente.

Se num primeiro momento se tentou negar a existência da enfermidade, tão logo ela se alastra e começa a fazer vítimas de forma avassaladora, o Estado se rende à situação e se vê compelido a colocar em prática ações no sentido de conter o avanço da doença e de evitar que os enfermos sucumbissem ao óbito.

O jornal *Cachoeirano*, referindo-se à chegada da gripe espanhola naquela cidade, diz:

Logo que a pandemia começou a grassar entre os indigentes, a Prefeitura Municipal estabeleceu na Pharmacia Silva, um posto de socorros, para este

¹⁰ Ao longo da história, não foi incomum médicos atribuírem, como causa *mortis*, complicações derivadas da doença inicial. Assim foi com o cólera (BELTRÃO, 1999), com a aids (TRONCA, 2000), ou com a tuberculose (NASCIMENTO, 2002).

fornecer medicamentos gratuitamente as indigentes, funcionando nos postos até hoje, como médicos os Drs. Luiz Tinoco da Fonseca [...], Manoel Monjardim, e como farmacêutico os Srs. Norival Santos e José de Souza Mello [...].

Os Drs. Costa Moreira e Christiano Fraga, também funcionaram no posto e os Srs. Drs. Seabra Muniz e Teixeira de Mesquita e o farmacêutico Carlos Rezende atendem os necessitados que os procurarem (20 de outubro de 1918, f. 2).

Paralelamente à ação do Estado, pessoas de posses e entidades se associavam e contribuíam para socorrer os aflitos pelo mal epidêmico. Alexandre (2010) e Franco (2015), ao estudarem a passagem do cólera no século XIX, respectivamente, no Ceará e no Espírito Santo, fazem alusão a que o socorro prestado pela elite endinheirada, além do caráter filantrópico, servia para que fizesse investimento em sua imagem social e política. Assim, não era incomum aparecer a lista nominal dos doadores com seus respectivos valores. Encontramos, no jornal *Cachoeirano*, lista com 107 doadores e os respectivos valores oferecidos, o que resultou numa arrecadação de 2:975\$000. Além dos valores em dinheiro, o mesmo jornal apresenta ainda a listagem de mais sete pessoas que doaram gêneros alimentícios para socorrer os pobres da cidade (17 de novembro de 1918, f. 2).

Encontramos entidades associativas que contribuíam com os enfermos considerados indigentes, como foi o caso da Conferência Nossa Senhora da Glória, da Sociedade São Vicente de Paulo, que ficou encarregada de distribuir mantimentos aos indigentes atacados pela gripe espanhola. Outras associações da cidade de Cachoeiro também contribuíam com os desfavorecidos economicamente que se encontravam enfermos pela doença, como a Loja Maçônica Fraternidade e Luz, a Conferência Nossa Senhora da Glória, a Associação Espírita Beneficente e Instrutiva.

Pessoas atuavam no sentido de contribuir. Mesmo sabendo dos riscos que corriam ao lidar diretamente com os doentes, colocavam o espírito de solidariedade à frente. Falando sobre a epidemia de gripe espanhola em Serra, o jornal *Espírito Santo* faz alusão ao papel desempenhado pelo prefeito municipal daquela localidade, o farmacêutico Adolfo Fraga, do médico

Eurico Aguiar e do auxiliar do médico, Presciliano Biluia. Especificamente sobre a ação desses indivíduos, assim se reportou o jornal:

A triste verdade será, porém, que, sendo todos os meios compostos de individualidade que possuem o instinto da gratidão e dos que buscam se fantasiar com predicados que jamais possuíram ou possuirão, a dispêndio de detratarem e amesquinharem as acções despendidas e nobilitantes a custa de insinuações caluniosas, não obstante tudo o que os poderes – o do Estado e da Prefeitura Municipal- têm feito, circundados com os auxílios possantes do digo e humanitário clinoco, dr. Eurico Aguiar e do seu prestimoso auxiliar Sr. Presciliano Biluia [...] (8 de dezembro de 1918, f. 2).

Com relação ao prefeito municipal e ao farmacêutico Adolfo Fraga, assim se posicionou o mesmo jornal:

O povo deste município que, sem distincção de classe, cor, politica ou de crença, numa igualdade absoluta, vem necessitando dos auxílios de expurgo da pandemia, enviados pelo digno gestor do Estado, os tem tido com solicitude e promptidão, porquanto o Sr. pharmaceutico Adolfo Fraga privou-se até dos negócios do município, para entregar-se absolutamente ao mister da manipulação, collimando como ponto principal e inadiável a saúde do povo que lhe fora confiado (8 de dezembro de 1918, f. 2).

Mortalidade

Estudos, como de Bertucci (2016) têm apontado que a gripe espanhola, epidemia que percorreu todos os continentes entre 1918 e 1919, teria matado entre 40 e 50 milhões de pessoas. Número assustador, maior que a quantidade de mortos da Primeira Guerra Mundial que estava em andamento quando a epidemia ocorreu. No Brasil, não se tem uma estatística precisa quanto ao número de mortes provocado por essa

enfermidade. Estudos, como os de Abrão (1995), referentes a Porto Alegre; Bertolli Filho (2003) e Bertucci (2000) a São Paulo; Souza (2009) à Bahia; e Goulart (2003) sobre o Rio de Janeiro, apontam dados sobre a mortalidade nesses locais, mas não apresentam informações precisas em relação ao país como um todo.

No Espírito Santo, as fontes por nós acessadas não permitem tampouco precisar o número de mortes causadas direta ou indiretamente pela gripe espanhola. Levam-nos, no entanto, a inferir que o número foi expressivo. Outra possibilidade que as fontes nos apresentam é saber efetivamente quais estratos sociais foram as maiores vítimas dessa enfermidade.

Em sua Mensagem de Governo, o presidente do Estado do Espírito Santo, Bernardino de Souza Monteiro, diz: “Na capital Ella [gripe espanhola] matou na proporção de 0,8% da população, e é crer que igual coeficiente foi atingido em todo Estado” (Espírito Santo, 1919, p. 39). Nessa mesma Mensagem, apresenta dados estatísticos de óbitos do ano de 1918, registrando que, no mês de outubro, morreram 18 pessoas; em novembro, 96; em dezembro, nove pessoas, num total de 123 mortes. Em relação ao ano de 1919, não foi possível aferir o número de mortos.

Os dados apontados pela Inspetoria de Saúde do Porto do Espírito Santo referem-se apenas a dois meses de 1918, outubro com 18 mortes e novembro com 96 mortes (*Correio da manhã*, 1 de janeiro de 1919, f. 1).

A gripe espanhola atingiu todos os segmentos da sociedade. Pobres, indigentes, remediados e mesmo pessoas das camadas mais privilegiadas social e economicamente foram vítimas da epidemia. As autoridades, assim como ocorreu no século XIX, quando surgiram as grandes epidemias (CHALHOU, 1996), acreditavam que os pobres seriam os verdadeiros transmissores da doença. Assim se reportou o jornal *Cachoeirano*, referindo-se ao surto epidêmico, ao comentar sobre as possíveis causas da doença:

A nós outros clínicos que pelo dever profissional nos internamos em infectas possilgas, miseráveis casebres e insalubres habitações collectivas nos bairros pobres da cidade, não deve ter passado despercebido o grão de inferioridade da organica destes desprotegidos da sorte para resistirem ao ataque de uma moléstia que prostou,

em poucos dias, 60 a 70% da população desta Capital, tão mal aparelhada para emergências desta natureza. Organismos cansados esgotados pela fadiga e pelo trabalho, mal alimentados, alguns já presos pela tuberculose, vivendo em meios infectos e mal ventilados, respirando o ar corrompido pelo accumulo de indivíduos agglomerados em pensões e casas de commodos immundas, fornecem fartos elementos a voracidade de um mal que como as chammas de um pavoroso incêndio ateadado em multiplas pontos da cidade, ameaça devoral-a e destruil-a! (17 de novembro, de 1918, f. 1).

Conforme mencionamos, pessoas de estratos mais elevados economicamente foram atingidas pela doença. O jornal *Espírito Santo* noticiou a morte do vereador Agenor Ramos, morador de Moniz Freire (3 de novembro de 1918, f. 2), do coronel José Lofego (8 de dezembro de 1918, f. 2), de Deolinda Rangel, moradora em Castelo, esposa do coronel José Alves Rangel (8 de dezembro de 1918, f. 2). O mesmo jornal ainda noticia o restabelecimento de vítimas da gripe espanhola, como o diretor do jornal *Espírito Santo*, Sebastião Rabello, e o redator-chefe do mesmo jornal, Severiano Imperial (8 de dezembro de 1918, f. 1).

Considerações finais

A gripe espanhola, como outros surtos epidêmicos, tem sua importância quando a observamos sobre a perspectiva de um fenômeno social, ao nos debruçarmos sobre a forma como ela afetou a vida das pessoas, alterando valores sociais, culturais e políticos. É importante ainda por evidenciar de que forma a vida cotidiana é afetada e como a população reage à sua passagem.

Se, num primeiro momento, o interesse das autoridades governamentais é negar a sua existência, a intensidade da virulência leva inevitavelmente à necessidade de aceitar sua presença e torná-la pública. Nesse sentido, providências têm que ser tomadas, no intuito de evitar sua

maior propagação e questionamentos da população que passa a reivindicar ação efetiva do Estado.

Tempos epidêmicos são momentos de grande incerteza e medo. O desconhecimento da enfermidade, a letalidade como aparece, a falta de estrutura para combater o mal fazem com que a população busque alternativas para livrar-se da doença, recorrendo, na maioria das vezes, a soluções encontradas nas experiências de seus ancestrais. Receitas caseiras, rezas, evocação ao céu são artifícios utilizados para se tentar fugir do mal que afligia a população.

Em tempos epidêmicos, todos têm que se associar na busca de encontrar solução para o perigo que ronda. Médicos, pessoas comuns, religiosos e autoridades se uniam e, às vezes de forma incansável, buscavam atenuar o sofrimento daqueles necessitados. Paralelamente, outros, por medo e pânico, afastavam-se dos doentes, na expectativa de se livrarem do mal que os rondava.

Embora a morte provocada pela epidemia atingisse todos indistintivamente, alguns estratos da sociedade acabaram sendo as maiores vítimas. A maioria dos óbitos ocorreu entre as pessoas de precárias condições materiais por seu organismo estar mais enfraquecido, graças ao trabalho extenuante ou por uma alimentação precária em qualidade e quantidade, por não contarem com possibilidade de uma boa assistência médica ou, ainda, por não poderem realizar o tratamento necessário para a cura da doença.

Referências

- ABRÃO, Janete Silveira. *A “espanhola” em Porto Alegre, 1918*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará*. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

- BERTOLLI FILHO, Cláudio. *A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- BERTUCCI, Liane Maria. *Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.
- Cachoeirano*. 20 de outubro de 1918, 17 de novembro de 1918, 28 de novembro de 1918, 10 de dezembro de 1918
- CHALHOUB, Sidnei. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Diário da manhã*. 1 de janeiro de 1919, 17 de janeiro de 1919, 30 de janeiro de 1919, 4 de fevereiro de 1919.
- Espírito Santo*. 6 de outubro de 1918, 3 de novembro de 1918, 8 de dezembro de 1918, 2 de fevereiro de 1919.
- FRANCO, Sebastião Pimentel. Caminhos e contradições no processo de escolarização das mulheres. In: SILVA, Gilvan Ventura da *et al.* *História, mulher e poder*. Vitória: Edufes, 2006. p. 77-99.
- GOULART, Adriana da Costa. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. *História, Ciência Saúde-Manguinhos*, v. 12, n. 1, 2005.
- _____. *Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.
- MENSAGEM dirigida pelo presidente do Estado do Espírito Santo, Bernardino de Souza Monteiro, ao Congresso Legislativo, em sua 1ª sessão ordinária da 10ª legislatura. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial, 1919.
- MENSAGEM dirigida pelo presidente do Estado do Espírito Santo, Bernardino de Souza Monteiro, ao Congresso Legislativo, em sua 1ª sessão ordinária da 8ª legislatura. Vitória: Departamento Oficial de Estado, 1918.

- NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. *As pestes do século XX: Tuberculose e aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- PHILLIPS, Howard; KILLINGRAY, David K (Ed.). *Spanish influenza pandemic of 1918-19: new perspectives*. New York: Routledge, 2003.
- ROSENBERG, Charles E. *Explaining epidemics and other studies in the history of medicine*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1992.
- SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. As controvérsias médicas sobre a influenza ou gripe, e as reações das autoridades sanitárias durante a manifestação da pandemia de 1918. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres (Org.). *Uma história brasileira das doenças*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. v. 5, p. 51-72.
- _____. *A influenza espanhola e a cidade planejada*. Belo Horizonte, 1918. Belo Horizonte: Fino Traço, 2007.
- SOUZA, Christiane Maria Cruz de. *A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009 (Coleção História e Saúde).
- _____. Sob o império da doença: a epidemia de gripe espanhola na Bahia (1918-1919). In: FRANCO, Sebastião Pimentel *et al.* (Org.). *Uma história brasileira das doenças*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014. v. 4, p. 219-236.
- TRONCA, Ítalo. *As máscaras do medo: lepra e aids*. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.
- WITTER, Nikelen Acosta. *Males e epidemias: sofredores, governantes e curadores no Sul do Brasil: Rio Grande do Sul, século XIX*. (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.